

A ESCOLHA DE JUSSARA

Com mais de 20 anos de carreira, a cantora prepara novo projeto musical, o álbum *Ame ou se Mande*, resultado de um show, no qual reafirma seu assunto predileto, a canção

Texto **TATIANA MENDONÇA** tmendonca@grupoatarde.com.br
Foto **FERNANDO VIVAS** fvivas@grupoatarde.com.br

Jussara Silveira é um mistério. Um não, muitos. Talvez o maior deles seja a impressão que suavemente deixa no agraciado ouvinte, depois de falar ou cantar, de que não fez sucesso porque não quis. Simples assim.

Ela mesma não sabe precisar por que, depois de mais de 20 anos de carreira, colhendo elogios rasgados de crítica e público, ainda hoje cambaleia para viver de música. É possível que “nem Freud saiba” a resposta, mas Jussara arrisca que seja bem isso, uma falta de vontade. “É uma pergunta difícil, que eu me faço também. O que é que aconteceu, onde eu não dei aquele clique? Talvez seja uma recusa minha, pes-

soal, que nem eu conheça”.

Não à toa, é de escolhas que trata seu novo projeto, *Ame ou se Mande*, que já virou show e ainda este ano deve virar disco. O nome é uma tradução do compositor baiano Luís Ariston para um dos versos da canção *Love me or leave me*. “Com esse mundo da música instantâneo demais, dizer ‘Ame ou se Mande’ é uma maneira de reafirmar as minhas escolhas e as dos parceiros que me acompanharam nesse percurso. Isso sustenta uma carreira que poderia parecer sem sucesso, mas tem um sucesso que é meu de ter sido escolhida por essas pessoas que gostam do meu assunto predileto, que é a canção”.

O novo trabalho acabou apaziguando

suas angústias de achar-se quase “em extinção”, já que hoje quase todos os artistas que cantam também compõem. “Teve um momento em que pensei: caramba, tô solitária, tô insistindo em ser apenas uma cantora da canção popular. Isso me deu um medo, um pavor. Pô, eu tenho 51 anos, o que é que vai ser agora? Mas, com esse novo trabalho, eu pensei: puxa vida, estou viva, posso cantar”.

O show que reasceu Jussara aconteceu em fevereiro, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. A cantora foi acompanhada pelos músicos Sacha Amback (teclado) e Marcelo Costa (percussão), formato que deve se estender ao álbum. O repertório vai seguir a ideia de va-



lorização da intérprete, com as músicas mais pedidas pelo público e outras que escolheu em conversas com amigos.

EM CASA

Jussara é de Nanuque, Minas Gerais. Veio para Salvador aos 5 anos e sempre esteve, em casa, envolvida com música. Seu primeiro emprego com carteira assinada foi como recepcionista numa construtora. Durou apenas seis meses. Depois foi estudar letras, na Ufba, porque perdeu no teste de aptidão para dança, sua primeira opção. Durante o curso, aproveitou para dar umas escapadinhas para a Escola de Música, onde estudou canto com o maestro Lindemberg Cardoso.

Não terminou a faculdade, mas logo encontrou um trabalho dos sonhos. Por oito anos, foi programadora da Rádio Educadora. Passava os dias ouvindo pilhas de LPs. À noite, cantava nos barzinhos da cidade. Ainda se arriscou como backing vocal em cima dos trios elétricos dos blocos Eva e Pínel, mas decididamente não era isso que queria. “Achava aquilo espetacular, mas não poderia... Se fosse para fazer um show no trio, teria que ser algo calminho...”

SEM PRESSA

Quando fez seu primeiro show profissional, em 1989, Jussara tinha 30 anos. A estreia demorou, mas foi pomposa, no palco do Teatro Castro Alves. Logo depois, a cantora foi se apresentar no grande auditório do Masp, em São Paulo. “Tive uma acolhida muito bacana da imprensa, do público. Não me pergunte como, mas tudo dava certo. Tinha o vigor de estreia, mas com a experiência de uma pessoa madura”.

No Rio de Janeiro, Jussara apresentou-se pela primeira vez no Teatro Ipanema, que estava igualmente lotado. Para “não sair da cena”, adotou a cidade como

sua — e lá se vão quase 20 anos.

Os jornais volta e meia a comparam com Maria Bethânia e Gal Costa, o que não chegou a incomodá-la, muito ao contrário. “Para mim é motivo de honra. Nasci ouvindo essas mulheres, entendeu? Imito mesmo (risos), podem comparar à vontade”.

Também os CDs demoraram a vir e seguem nascendo sem pressa. Quando lançou o disco *Jussara Silveira*, em 1997, já fazia shows regularmente há oito anos. Depois, em 1998, veio *Canções de Caymmi* (uma homenagem que quis prestar ao grande mestre), seguido por *Jussara*, de 2002. Em 2006, ao lado do grande parceiro Luiz Brasil, lançou *Nobreza* e, ainda no mesmo ano, *Entre o amor e o Mar*, seu mais recente álbum solo.

A fala mansa de Jussara dá a impressão de que ela lida bem com a passagem vagarosa do tempo, como um sossego de quem não tem satisfações a dar. Era assim mesmo, mas ultimamente essa percepção vem se modificando. “Sempre soube que tudo para mim era mais lento. Mas quando fiz 50 anos, comecei a pensar nisso. Antigamente dava para esperar quatro anos entre um CD e outro. Agora não dá... Mas, sei lá, acho que quando você encontra um momento de tranquilidade, de produção com o que você gosta de fazer, isso é diluído, não vira uma preocupação. É o tempo que eu tô aqui, é o meu tempo”.

Jussara é católica por herança de família, mas talvez pela grande fé que tem no seu orixá, não perde tempo pensando em vidas passadas ou futuras. “Outro dia, vi um filme tailandês em que um cara estava no leito de morte e aí a mulher dele vinha visitá-lo. Ela já estava morta. E aí ele pergunta: ‘Será que a gente vai se encontrar em algum lugar no céu?’. E a mulher responde: ‘O céu é superestimado, não tem nada lá’”.

Jussara em apresentação no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro



SÉRGIO GUERRA / DIVULGAÇÃO

DEVAGAR E SEMPRE

O músico Luiz Brasil conhece Jussara desde o tempo da adolescência. Para ele, a amiga é uma “estrela” forjada nos moldes das antigas cantoras. “Ela tem uma personalidade musical única, uma marca vocal forte. Não se parece com ninguém. Você ouve em qualquer lugar e pode dizer sem medo que é Jussara”.

Se ela não está na “grande mídia”, diz Luiz, é porque não fez questão de integrar modismos. “Hoje surgem dezenas de cantoras que fazem muito sucesso, como agora é o caso de Maria Gadú. Mas ninguém sabe se daqui a 15, 20 anos, as pessoas ainda vão falar nela. Jussara segue devagar e sempre. É uma guerreira, porque, sem padrinhos, sem gravadora, consegue manter uma carreira sólida”.

Para o compositor José Miguel Wisnik, parceiro de Jussara há mais de 10 anos, ela é uma cantora única. “Aquele timbre, aquele jeito da voz, aquela inteligência do canto... Me tocou desde a primeira vez em que a vi no palco, tendo muita consciência do que fazia, mas estando ao mesmo tempo para além da consciência e da intenção. Ela é íntegra, leve e profunda. Com o tempo, essa sensação só se confirmou em mim. Ela é, para mim, como um talismã”.

Wisnik também arrisca desvendar o mistério que aparta Jussara da fama. “Talvez os últimos 20 anos tenham sido justamente aqueles em que a distância entre o gosto diferenciado e o sucesso comercial aumentou muito, no Brasil. Muitos dos grandes artistas que venceram essa barreira entre o sucesso e a altíssima qualidade aconteceram antes disso. Há artistas hoje que concorrem num espaço de massas, de grandes shows, que é disputado, mas existe. Há outros, como Jussara, que circulam num espaço mais restrito e que têm cada vez mais que ser inventado”. «